

MEMÓRIA DE ALFABETIZAÇÃO*

Rose Vania do Carmo Vieira (SEMED/ROO)

O presente texto tem como objetivo refletir sobre as experiências formativas vivenciadas no decorrer do meu processo de alfabetização e formação profissional. Para isso utilizarei minhas lembranças para narrar o meu processo de aprendizagem e minha escolha profissional. Compreendo que o Memorial é um documento elaborado passo a passo, no qual são relatadas as impressões sobre a aprendizagem, os acertos, as vitórias, os avanços, as escolhas, assim como os retrocessos, as paradas e as dúvidas. É a oportunidade de reflexões sobre os vários momentos e caminhos que trilhei em minha formação tanto acadêmica quanto profissional. É o registro das histórias de aprendizagem e seus reflexos no cotidiano, predominando a singularidade dos meus relatos e percepções que vivenciei durante minha trajetória, destacando momentos que são importantes para mim.

Os caminhos que percorri

Meu nome é Rose Vania do Carmo Vieira, tenho 38 anos e vou relatar um pouco da minha caminhada escolar e profissional em relação à educação. Venho de uma família humilde, crescemos em um ambiente acolhedor apesar das dificuldades que havia, meus pais se separaram quando eu tinha apenas dois anos e minha mãe teve que assumir a responsabilidade em nossa criação. Fomos morar com nossa avó materna, pois minha mãe precisava trabalhar. Minha infância foi maravilhosa, apesar da separação dos meus pais tive a sorte de conviver rodeada de outras crianças minhas irmãs e meus primos e isso de certa forma consegui suprir a falta da presença do meu pai. Morávamos com todos no mesmo quintal e um cuidava do outro, não tínhamos brinquedos comprados e nos virávamos com as latas de óleos, pedaços de madeira e até caroços de mangas, nosso quintal havia várias mangueiras, continuamos unidos atualmente. Como não tínhamos condições de comprar livros de história, gibis, os primeiros contados com as letras foram com as revistas evangélicas que as Testemunhas de Jeová nos davam, folheávamos e imaginávamos as histórias que ali continham por meio das lindas imagens que as revistas possuíam. Comecei minha jornada

*DOI – 10.29388/978-65-86678-68-0-0-f.227-230

escolar aos sete anos na escola Estadual Joaquim Nunes Rocha, quando era o sistema de seriação. Todos os dias antes de entrar em sala, nos reuníamos no pátio para fazer a oração do Pai-nosso, e tínhamos que formar filas por ordem de tamanho. Após a oração seguíamos para a sala de forma ordenada, entrávamos e cada um sentava em seu lugar. Relembro que tive muita dificuldade na primeira e segunda série no período de alfabetização e letramento, pois não conseguia entender nada daquilo que era ensinado, minha primeira professora “Lu” infelizmente não me recordo de seu nome completo, usava o método tradicionalista, e isso foi um fator que me fez retrair porque ela era muito rígida, nessa época eu era muito tímida não me relacionava com os meus coleguinhas e nem com minha professora. Com o passar dos dias minha mãe foi chamada para comparecer na escola, a professora vendo essa dificuldade pediu para que me levasse em um especialista, pois o meu desenvolvimento era diferente das outras crianças, eu era muito isolada e quase não falava. Minha mãe atendeu ao pedido e me levou em um médico, seu diagnóstico foi que eu possuía um lado do cérebro verde e com o tempo ele se desenvolveria, mas não receitou nenhum tipo de estímulo ou remédio, apenas disse que com o tempo eu me desenvolveria. Repeti minhas primeira e segunda séries, e sempre estava com notas baixas, pois não conseguia aprender a ler.

Observando minhas dificuldades os professores se aproximaram da minha mãe, explicaram a ela as minhas dificuldades de aprendizagem e de socialização e tiveram a informação do parecer médico. A partir desse conhecimento começaram a ter um olhar mais atencioso comigo, sempre tentaram me ajudar o melhor possível. O tempo foi passando e com os acompanhamentos e dedicação dos professores consegui me desenvolver e aprender. Foi durante o período da 5ª à 7ª série que me apaixonei pela docência, principalmente devido a uma professora de Língua Portuguesa que me encantava em cada aula. Como ela transmitia o conhecimento era como posso dizer “mágico”, as leituras que fazia de livros da nossa literatura brasileira era cativante e me fez gostar de ler e de fazer interpretações das visões dos autores. Essa professora sempre aconselhava, quando resolvêssemos fazer algo deveríamos nos dedicar ao máximo e que cada coisa deveria ser em seu devido tempo. Que se decidimos ser estudantes deveríamos ser estudantes e quando fôssemos pais deveríamos ser pais e se fossemos profissionais deveríamos ser profissionais. E isso eu guardei para mim, estudei, concluí o ensino médio e decidi ser mãe, tive um casal de filhos e depois que já estavam mais independentes comecei a pensar em uma formação superior. Essa vontade se intensificou quando meus filhos começaram a fre-

quantar a escola, aquele sentimento que há muito tempo estava guardado em mim, começou me cobrar.

Em 2011 iniciei uma nova jornada no curso de pedagogia na UFMT (campo de Rondonópolis). Nossa turma foi o máximo tivemos muito alto e baixo, tivemos professores que nos fizeram ser muito críticos e sempre brigar por nossos direitos, nos proporcionaram conhecimentos de grandes autores e suas visões sobre os conceitos que conduzem a educação. Desenvolvi um bom relacionamento com os professores, durante o período que estive na faculdade.

Minha carreira profissional se deu logo após o nosso baile de formatura, saímos do baile direto para fazer a prova do seletivo da prefeitura, todos nós tivemos uma boa colocação e cada um foi para uma escola trabalhar, mas não nos deixamos de ter contato para trocar ideias até nos dias de hoje. Quando cheguei à escola para entregar a carta de apresentação fiquei assustada, porque nunca trabalhei como professora e a única experiência foi o meu período de estágio, me dirigi à secretaria para conversar com a diretora, ela estava fazendo faxina com as meninas da limpeza, logo de cara ela me perguntou se eu tinha experiência, respondi que não, ela então me disse que naquela escola ela queria gente comprometida e se eu estava disposta a me empenhar ao máximo para aprender. A minha resposta foi sim. Na primeira semana me apresentaram as coordenadoras, eram duas, mas a que ficaria responsável por me ensinar e auxiliar era a coordenadora Elizabeth a “coordenadora dos olhos verdes” que era muito temida. Fiquei com medo, não nego, mas com o passar do tempo ela se fez muito diferente do que diziam dela, sempre me ensinando e me cobrando, sempre dizendo que eu era muito capaz, me convidou para participar da formação de professores em que ela estava, no começo relutei em ir, mas ela sempre insistindo e até me ofereceu carona para ir e para voltar então aceitei e foi muito gratificante expandi meus conhecimentos, os temas discutidos em nossos encontros me proporcionou uma visão mais ampla, pois eram conteúdos que não tinha conhecimento. Trabalhei como contrato por dois anos, e graças a essa coordenadora que conseguiu passar no concurso e me efetivar, se não fosse por ela e as cobranças que me fez talvez não tivesse conseguido. Tenho um grande sentimento de gratidão por ter acreditado em minha capacidade e não desistir de mim.

Lotei em uma unidade de educação infantil e fui bem acolhida, tive o privilégio de conhecer professoras experientes e com disposição em ajudar, quero continuar lá se possível até a minha aposentadoria.